

Mas, então, dever-se-ia levar em conta o sentido que a filosofia deve representar para os alunos do curso colegial. No caso de Platão, por exemplo, não bastaria apresentar o mito da caverna, com tôda a rica simbologia que lhe é inerente? Uma análise séria, rigorosa, desse famoso trecho de Platão situaria, para o professor do colégio, um núcleo pelo qual introduziria os alunos à filosofia (não necessariamente platônica).

Como no caso de Platão, poder-se-ia colocar em questão o critério da escolha do texto usado para cada um dos autores apresentados. Camus, por exemplo, é representado por um pequenino parágrafo do “mito de Sísifo”. Ora, tal texto é relativamente curto, ocupando aproximadamente três páginas, de uma beleza extraordinária, e altamente significativo para ilustrar uma das facetas pelas quais o pensamento contemporâneo se nos apresenta. Por que, então, mutilá-lo?

Um livro de textos para seminários filosóficos, que pudesse ser usado nos colégios e universidades, deveria conter apenas textos, sem comentários que pudessem orientar a interpretação por parte dos estudantes. E os textos deveriam ser organizados por assuntos, antes que por épocas históricas, com a rigorosa citação das fontes. Além disso, cada texto deveria preencher umas poucas páginas, de modo a deixar transparecer os encadeamentos de raciocínios.

Querendo servir simultaneamente ao colégio e à universidade, pretendendo ser geral (apresentando o esquema do sistema do filósofo) e particular (apresentando o texto) ao mesmo tempo, a *História dos Filósofos* é um livro frustrado e frustrador. Perde muito a filosofia. Nós, quando muito, podemos perder a calma.

PAULO ROBERTO MOSER

\*

\* \*

ESAÚ (Elias) e PINTO (Luiz Gonzaga de Oliveira). — *História do Brasil (Para Estudos Sociais)* 1º Volume, Edição Saraiva, São Paulo, 1972. Formato 16 x 24 cm, Capa plastificada, 199 páginas, 250 ilustrações, gráficos e cada unidade acompanhada de uma “linha do tempo”.

É uma satisfação, vemos acrescida a plêiade de historiadores por gente jovem, apresentando *História do Brasil* para os nossos estudantes da 5ª Série do Ensino de 1º Grau (antiga 1ª Série Ginásial).

A partir das capas, que é criação artística de Joel Linck, os autores tiveram acurado trabalho de estudar uma “linha do tempo”, mostrando de forma inteligente a maneira de abordarmos uma história não puramente factual, e sim, vivida no dia a dia.

A obra é apresentada em 10 unidades, cuja nomenclatura foge aos antigos padrões, entretanto, capaz de ser melhor entendida pelo estudante.

1. — *Noção do tempo Histórico.*

A unidade inteira destina-se a colocar ao alcance do instruendo, os instrumentos que o mesmo tenha capacidade de após pequena orientação do professor, iniciar a redescoberta. As “linhas do tempo” e a colocação do aluno vivendo a história sem sentir.

Termina com um exercício fácil, que entretanto, só poderá ser solucionado, após a leitura e compreensão da unidade.

2. — *Um passeio pela Idade Média.*

Através da “linha do tempo”, o leitor vai ao passado, entra em contacto com problemas ocorridos há 13 séculos; ao voltar, retém bem nítido tudo quanto observou, por ter sido apresentado ao seu nível mental sem decorar. Termina com exercício.

3. — *A europa descobre o Novo Mundo.*

Enfoca a Europa em busca do desconhecido, procurando solução para seus problemas, tais como o da “carne da estação hiberna”, a importância do ouro, que provocou as grandes navegações, apoiada no progresso da marinharia e no aperfeiçoamento dos instrumentos náuticos.

Este capítulo introduz a leitura complementar e finda com exercício.

4. — *O Brasil nos primeiros 30 anos.*

Só a página dupla que anuncia o capítulo, com sua “linha do tempo”, já seria o suficiente para que o aluno entendesse desde o Tratado de Tordesilhas até o Brasil sob o Domínio Espanhol.

Descreve o “descobrimento”, fazendo referências inteligentes a respeito da “carta” e as reações de D. Manuel.

Apresenta o pau-brasil como matéria-prima, monopólio da coroa portuguesa e zona onde havia em abundância. Mostra a importância do trabalho do indígena.

Denuncia, sob a sigla “intrusos agem em nosso litoral”, a concorrência dos piratas franceses. Finda com exercício.

5. — *O Rei cria as Capitâneas.*

É a forma de abordagem proposta pelos autores. Mostrando que a coleta do pau-brasil foi de duração efêmera e não fixou o homem ao solo. Findo este período, é iniciada a cultura canavieira, através da experiência realizada nas ilhas de São Tomé e Madeira. Mostra ainda os deveres e obrigações dos donatários. Termina o capítulo dando idêa ao educando da situação econômica de Portugal deixada por D. Manoel.

6. — *O Índigena Brasileiro.*

Falam-nos dele através da documental “carta” e dá interpretação a mesma e lança a questão: “De onde teria indo os indígenas?” Segue apresentando as hipóteses. Dá enfoque da vida do nosso indígena — moradia, trabalho e alimentação, casamento e educação, a guerra, religião e os primeiros contactos entre indígenas e brancos. Finda o capítulo com exercício.

7. — *O Povoamento do Litoral.*

Apresenta o govêrno geral, o problema da substituição lenta do açúcar em lugar do pau-brasil, a implantação da agricultura e mão-de-obra. Focaliza os três governos gerais, a união ibérica e as invasões holandesas. A êsse respeito apresenta uma “linha do tempo” de 1600 a 1680, a qual o estudante compreende com facilidade tais movimentos. É mostrado o declínio da economia açucareira e o início da mineração. Através de “leitura complementar” — Os escravos e A Guerra dos Mascates motiva o instruendo aos exercícios de “estudo dirigido”.

8. — *O Povoamento do Interior.*

Para entrar no estudo do Bandeirismo, explica a anulação virtual do Tratado de Tordesilhas, o ciclo do gado e o povoamento do sertão nordestino. Estuda o povoamento do sul e a importância dos tropeiros como elemento avançado na abertura de novos caminhos.

Dá idêia da importância do bandeirante para a vila nascente de São Paulo e o seu desenvolvimento para o sertão, atingindo a mineração e a corrida para as minas. Narra a guerra dos Emboabas, mostrando a posição da Corôa em relação ao “quinto”.

Coloca de forma bem inteligente a sociedade das Minas, o surgimento das letras e das artes, seus artistas, especialmente os mulatos.

Após o estudo da ocupação do litoral e hinterland, mostra o interêsse da ocupação da Amazônia, forçado pelos piratas e auxiliado pelos religiosos. A chegada dos colonos propicia a implantação das Companhias de Comércio e a rebelião de Beckman.

O papel de Pombal é ressaltado e através de uma “linha do tempo” e mapas esclarecem os Tratados de Madrid e Santo Ildefonso.

Termina o capítulo com leitura complementar “Os limites do Brasil” e exercício.

9. — *Brasil: Meados do século XVIII — início do século XIX.*

As regiões brasileiras: cidades e riquezas.

No capítulo é apreciado o desenvolvimento dos centros urbanos no litoral e interior que surgiram face à exploração do ouro. A agricultura do Norte e Nordeste, que era unicamente canvieira, com a criação das Companhias de Comércio, foi motivado o plantio de tabaco, algodão, arroz, anil, especialmente para a exportação. No quadro das minas vemos problemas ligados a diminuição do ouro, que não mais atingia o “quinto”, provocando a “derrama” e suas conseqüências.

No Sul, a cidade de São Paulo crescia vagarosamente e no Rio Grande do Sul já era importante a criação do gado.

A partir de 1763, a capital fôra transferida para o Rio de Janeiro, atingindo no fim do século a cifra de 40 mil habitantes, ou seja quadruplicando a população existente no seu início.

O Rio de Janeiro refletia o que ia pelo Brasil: progresso no Norte, Nordeste, Centro e Sul; reerguimento da agricultura colonial, aumento de população, crescimento das cidades. Os brasileiros das Minas iam completar seus estudos na Europa, na volta empenhavam-se alguns dêles em concretizar velho sonho de tornar o Brasil independente. Assim vemos rebelião em Minas Gerais e Bahia. Finaliza o capítulo com exercício.

10. — *O Brasil hospeda a Côrte.*

Descreve uma Europa em guerra, Napoleão vencendo em tôdas frentes e a situação difícil de Portugal. A viagem penosa da Família Real, a chegada e os primeiros atos de D. João, são descritos de forma fácil de compreender. Dá especial tratamento aos Tratados de 1810, bem como a vinda de artistas e cientistas europeus em 1816.

Muito boa está a explicação das elevação do Brasil à categoria de Reino Unido, do Congresso de Viena, as lutas em Pernambuco pela independência e a Revolução do Pôrto.

Finda a obra com uma “linha do tempo” desde 1750 até 1821, leitura complementar. “A política externa de D. João VI” e exercício.

Obra bem orientada para o fim que se destina, repleta de informes e acompanhada do opúsculo “Manual do Professor”, que facilita bastante o “ensino dirigido”.

JOSUÉ CALLANDER DOS REIS

\*

\*       \*

BANDECCHI (Pedro Brasil). — *Notícia e justificação do título e boa fé com que se obrou a nova Colônia do Sacramento, nas terras da Capitania de São Vicente, nas margens do Rio da Prata*. Separata da “Revista do Arquivo Municipal”: vol. 181. São Paulo.

Com êste título, publicou-se em Lisboa em 1681 “com as licenças necessárias”, importante opúsculo sôbre a Colônia do Sacramento, que o Professor Brasil Bandecchi, sabendo de sua raridade, teve a feliz iniciativa de publicar na íntegra, na *Revista do Arquivo Municipal*, de São Paulo. “Apresenta-se o trabalho — lembra Bandecchi — como a primeira justificação dos direitos da Corôa Portuguesa no que se refere à Nova Colônia do Sacramento”. E adiante: “O que se nota na *Justificação* é a preocupação em tornar bem evidente a posse continuada e na qual desponta a semente da aplicação do *Uti Possidetis*, instituto romano de Direito Civil num ajuste de Direito Público, que germinaria no futuro Tratado de Madri”. Bastaria esta observação para mostrar o interêsse do importante códice, que pertenceu ao Dr. Alberto Lamago e hoje encontra-se incorporado à biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

\*

\*       \*

DIAS (Manuel Nunes). — *A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, 1775-1778*. Coleção da “Revista de História” XXXVII. São Paulo. 1971.

Temos o privilégio e a grata satisfação de assinar, para esta breve resenha, a propósito de uma das mais importantes contribuições à historiografia brasileira, da lavra do eminente Prof. Dr. Manuel Nunes Dias, Titular de História da América, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (*A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, 1775-1778*, Col. da “Revista de História”, XXXVII, São Paulo, 1971). Trata-se de um dos êxitos contínuos, que vêm pontilhando uma das mais brilhantes carreiras universitárias de docente e pesquisador, na mencionada Universidade.